

AMIZADES ILUSTRADAS: JOÃO CABRAL DE MELO NETO E O GRUPO *DAU AL SET*

MARGARETH DOS SANTOS*

RESUMO

Este artigo pretende discutir as redes de sociabilidade entre o poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto e o grupo catalão de vanguarda *Dau Al Set*. A partir de suas relações de amizade, percorreremos os circuitos de criação de ambos os lados, os quais contribuíram de maneira decisiva para a formação política e estética do grupo de jovens artistas e para a configuração do poeta pernambucano como uma figura decisiva na cena sociocultural espanhola dos anos 1950.

PALAVRAS-CHAVE: João Cabral de Melo Neto. Joan Ponç. Redes intelectuais Brasil-Espanha.

Em 20 de julho de 1948, em uma carta ao poeta Manuel Bandeira, o poeta João Cabral de Melo Neto comenta com o amigo como conheceu um grupo de jovens artistas catalães:

Entre em contato, aqui, com um grupo de jovens escritores catalães que publicam duas revistas. Clandestinas, esclareço, porque o catalão, desde 1939, é perseguido aqui. A princípio não podiam nem falar; a partir do desembarque dos americanos na África, passaram a tolerar a língua oral; a partir de 1945, fim da guerra, passaram a permitir os livros em catalão, se em pequenas tiragens fora do comércio; e, finalmente, de um ano para cá, permitem os livros – com restrições – mas não as revistas e os jornais. Como eu ia dizendo, acima, conheço esses jovens catalães, ávidos de intercâmbio e de que se conheça, fora da península, sua “cultura ameaçada”. (SÜSSEKIND, 2001, p. 89)

* Professora doutora de literatura espanhola. Departamento de Letras Modernas. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, Brasil. Email:marsanto@usp.br Orcid:<https://orcid.org/0000-0001-9792-0353>

Em seu breve relato a Bandeira, João Cabral, vice-cônsul em Barcelona naqueles anos, situa histórica e socialmente o contexto espanhol em seus aspectos políticos e culturais, tendo a língua catalã como elemento norteador. Tal elemento expõe uma das grandes preocupações do poeta pernambucano: seu interesse pela produção artística e literária catalã e um genuíno desejo de difundir e debater essa cultura cerceada nos anos franquistas.

Nesse contexto, um grupo de jovens artistas, *Dau Al Set*, formado por Joan Ponç, Modest Cuixart, Antoni Tàpies, Joan-Josep Tharrats, pelo poeta Joan Brossa e pelo filósofo Arnau Puig se destacava no âmbito das reações artístico-literárias nos anos 1950 na Espanha e, em especial, na Catalunha. Entre suas ações coordenadas em grupo estava a publicação das duas revistas que menciona João Cabral: *Algol* e, posteriormente, a *Dau Al Set*.

*Algol*¹, publicação efêmera, de um único número, nascera em 1947 com um texto inaugural do poeta Joan Brossa, em que o periódico aparecia caracterizado como “una desobediencia demoníaca frente a una época nebulosa y de tumores nocturnos (BROSSA, 1947, p. 1). O demoníaco, fixado como signo maior de *Algol*, se encontrava em distintas frentes: em seu próprio título, que enuncia o nome dado ao diabo pelos astrólogos árabes na Idade Média, “la estrella que aparece y desaparece en contraste con el ángel blanco Ariel” (MASSOT, 2011, p. 57) e se erigia na ideia do diabólico como possibilidade de oposição diante de uma suposta harmonia, através de uma “perspectiva propia”, sempre “ubicada en el presente y en constante acción” (PUIG, 1948, p.

¹ A revista foi fundada pelo pintor Joan Ponç, o poeta Joan Brossa, o filósofo Arnau Puig e o tipógrafo Enric Tormo, e teve como colaboradores os pintores Francesc Boadella, Jordi Mercader. Há uma discussão sobre o ano correto de fundação de *Algol*, alguns críticos indicam 1946, outros 1947, por conta da falta de datação no próprio periódico. Como Enric Tormo, tipógrafo responsável pela impressão, comprou sua prensa em 1946, me inclino a indicar o ano de 1947 como o de sua fundação.

18), como afirmaria o filósofo Arnau Puig em seu ensaio “Dados de un problema” neste mesmo número único.

A capa da revista exibía uma natureza morta ao estilo cézanniano, em que a perspectiva singular se sobrepunha ao caráter verista de obras do gênero cultivadas no século XIX. A natureza morta estilizada, cujo fundo parece acompanhar o movimento da taça levemente distorcida, parece acompanhar o paradoxo cézanniano, em que as sensações conduzem a perspectiva do objeto.

Sem dúvida, tal exploração sensorial será uma das tônicas das discussões da revista, marcada por uma diversidade de colaborações artísticas e ensaísticas de natureza diversa, mas que apresentavam um conjunto coerente²:

En efecte, la revista *Algol* està formada per expressions artístiques i de pensament de naturalesa diversa, però que acon-segueixen un conjunt coherent i integrador. I això sense que cap autor hagi renunciat ni a l'especificitat del mitjà expressiu escollit ni a la llibertat creativa més absoluta. Els colofons de Mercadé i Boadella en són un clar exemple, ja que, si bé es troben al final del text de Brossa i del de Puig, respectivament, no són mers dibuixos il·lustratius, sinó que mantenen la seva autonomia. (GONZÁLEZ GARCÍA, 2010, p. 72)³

² Acreditamos que essa pluralidade, conduzida por elementos de coesão e coerência artística e de pensamento, foi um dos elementos que chamaram a atenção de João Cabral de Melo Neto para o grupo de jovens artistas, como veremos logo adiante.

³ *Com efeito, a revista Algol é constituída por expressões artísticas e de pensamento de natureza diversa, mas que atingem um todo coerente e integrador. E isso sem que nenhum autor tenha renunciado nem à especificidade do meio expressivo escolhido nem à mais absoluta liberdade criativa. Os colofões de Mercadé i Boadella são um exemplo claro, pois, embora estejam no final do texto de Brossa e de Puig, respectivamente, não são meros desenhos ilustrativos, mas mantêm sua autonomia.* (Tradução nossa)



Fig. 1: Capa Revista *Algol*, nº 1, 1947. Fundo Joan Brossa. MACBA.

Ainda que fugaz, a revista trazia em si o gérmen de uma necessidade latente naquele momento: a urgência de discutir a arte e a literatura livremente, sem as amarras de um certo nacionalismo catalão, vigente em outras publicações da época⁴. Uma das suas novidades consistia em propor um fio condutor para pensar um problema estético no presente e relacioná-lo não apenas com o passado espanhol e suas correntes estéticas, mas de diversas partes do mundo.

La llista, no per breu menys significativa, permet con - textualitzar la revista dins d'un corrent artístic determinat. De fet, la publicació d'*Algol* es pot entendre com l'anhel d'una nova generació de creadors per reprendre aquella avantguarda que la guerra civil espanyola havia interromput de manera abrupta. Així ho van percebre també alguns dels

⁴ *Um exemplo desse tipo de publicação é a revista Poesía, cuja iniciativa de Josep Palau i Fabre caracterizou-se pela tentativa de contribuir com os membros dos círculos literários da época, que viviam em um inquieto exílio interior. Sua ideia era a de proporcionar uma visão renovada e renovadora do cenário literário catalão e internacional. A revista, da qual foram publicados 20 números durante os anos de 1944 e 1945, tem o mérito – ou, antes, a circunstância – de ser a primeira publicação periódica em catalão do pós-guerra. Dois anos mais tarde, o mesmo Palau i Fabre (junto a Miquel Tarradell, Frederic-Pau Verrié e Joan Triadú) também publicaria Ariel, periódico que compartilhava preocupações semelhantes às de Poesía. (Tradução nossa)*

pocs que van conèixer la revista en el moment de la seva publicació. Va ser com descobrir una cosa realment nova, va arribar a asseverar Alexandre Cirici i Pellicer, col·laborador habitual de la revista Ariel (1946-1951), referint-se a Algol. (GONZÁLEZ GARCÍA, 2010, p. 69)⁵

No entanto, esse desejo de liberdade apenas se concretizaria plenamente com a revista *Dau Al Set* - segunda publicação levada a cabo por Joan Ponç e companhia - a partir de 1948. Enquanto o periódico dissidente não chegava, o regime franquista continuava ditando a homogeneidade como único elemento possível, tanto no plano discursivo como no social:

Los años 1947 a 1950 pertenecen al período de profunda degradación material de las condiciones de vida, precisamente cuando el resto de Europa se recuperaba de la Segunda Guerra Mundial. Algunas de las ventajas económicas que había aportado neutralidad, en forma de ventas de minerales a ambos bandos (entre otros ejemplos), o que había implicado la orientación pro alemana del Régimen entre 1939 y 1943, en forma de importación a crédito de algún equipo industrial, material de transporte, y vehículos sobre todo alemanes, no eran ventajas cumulativas ni contribuyentes a un proceso de capitalización. El país vivía al día. (PINILLAS DE LAS HERAS, 1989, p. 29)

Diante dessa degradação moral e anímica, *Dau Al Set*, que era tão clandestina como *Algol*, propôs o enfrentamento ao regime ditatorial ao recorrer ao ostensivo catalão de seu título, ao mesmo tempo em que buscava uma oferta de debate plural, posto que os editores do periódico recebiam não apenas textos em catalão, mas também em espanhol e francês.

5 A lista, não menos significativa por ser curta, permite contextualizar a revista dentro de uma corrente artística específica. De fato, a publicação de *Algol* pode ser entendida como o anseio de uma nova geração de criadores de retomar aquela vanguarda que a Guerra Civil Espanhola interrompera abruptamente. Isso também foi percebido por alguns dos poucos que conheciam a revista na época de sua publicação. Foi como descobrir algo realmente novo, disse Alexandre Cirici i Pellicer, colaborador regular da revista Ariel (1946-1951), referindo-se a *Algol* (Tradução nossa).

Em sua conformação, o “dado de sete lados” invocava em seu nome uma aposta pelo mágico, pelo acaso e pelo lúdico, embaralhando ressonâncias da tradição poética na figura de Mallarmé e na estela de diversos movimentos vanguardistas, como o dadaísmo e o surrealismo. Ambiciosa e irregular, *Dau Al set* conseguiu sacudir o panorama desalentador da produção artística e literária no final dos anos quarenta e princípios dos cinquenta. E é nesse contexto que a figura de João Cabral de Melo Neto se destaca em sua atuação em prol da cultura catalã.

Naqueles anos, o poeta brasileiro participava ativamente da aventura desse grupo de jovens artistas. Cabral, que acompanhava Ponç e Brossa desde a época da revista *Algol*, se converteu em uma importante figura para o grupo ao propor tertúlias sobre o papel da arte como veículo de transformação social, sem que para isso se resvasse no panfletário ou que abdicassem da questão estética.

Entre suas colaborações com o grupo estavam os empréstimos de livros de escritores espanhóis exilados e de obras de teoria marxista, de difícil circulação na ditadura franquista, além de editar obras dos artistas de *Dau Al Set*. Em uma entrevista, o escritor comenta o clima da época:

Por causa do regime do Franco... Eles não tinham contato com o mundo exterior porque a censura não deixava. Eles não conheciam muito da poesia espanhola feita no exílio; conheceram porque eu mostrei, porque dei os livros. Alberti [Rafael Alberti, 1902-1999] e outros, como Luis Cernuda [1902-1963], Franco não deixava vender o livro desse pessoal. Mas isso tudo foi em Barcelona. (ABRANTES, 2009, p. 16)

Além desses empréstimos, da compra de obras dos componentes do grupo e a edição desses artistas, vale a pena dizer que João Cabral cumpriu um papel expressivo para a cultura brasileira na Espanha ao instaurar o trânsito de textos de poetas brasileiros em Barcelona e Madri e ao editar ou criticar a obra dos integrantes de *Dau Al Set*. Portanto, pode-se dizer que o poeta inverteu um caminho de ida e volta no panorama de criação e influência artística, posto que, por meio de sua intensa atuação cultural

e política, cravou sua preponderância em debates artísticos, publicações e contribuições com o grupo vanguardista *Dau Al Set* e com o pintor Joan Miró, além de outros trânsitos. No final das contas, e isso não é pouco, tratava-se de um latino-americano interferindo e provocando novos rumos na arte e na literatura peninsular.

Em uma de suas correspondências à escritora Clarice Lispector, em que relata o fechamento do que poderia ser a revista *Algol* pela polícia⁶, se pode rastrear algumas de suas preocupações:

Ando, por mim, numa enorme preguiça. Tenho planejado agora, com alguns amigos catalães, uma revista clandestina catalã brasileira. Não sei bem como será. Mas desde que a polícia fechou a que eles publicavam aqui, quero fazer alguma coisa de propaganda da cultura deles junto aos intelectuais brasileiros. Farei de vocês destinatários obrigatórios da coisa. (SOUSA, 2000, p. 295)

No final das contas, a revista clandestina não sairia e sim outras duas publicações, em momentos distintos, a primeira, *O cavalo de todas as cores* (1950), editada por João Cabral e o poeta português Alberto de Serpa, que teve apenas um único número por *O Livro Inconsútil* (da qual falaremos com mais detalhe adiante) e contou com colaborações do Brasil, Portugal e Catalunha, respectivamente: Vinícius de Moraes; José Régio e Pedro Homem de Mello; Rafael Santos Torroella e o tipógrafo Enric Tormo.

6 Pela coincidência de datas, é possível que a revista mencionada seja *Algol*, no entanto, ainda é difícil afirmá-lo, uma vez que Enric Tormo, o tipógrafo que participou de sua fundação, declarou em uma entrevista à pesquisadora Alessandra Carvalho que o periódico encerrou suas atividades por falta de dinheiro, uma vez que a edição de *Algol*, porque seu *design* era muito caro (essa afirmação também será confirmada por Ponç em sua autobiografia): “La editamos con pocos medios, mucho lujo y gran fe en un público que en realidad no existe. Fracaso total.” Ver: PONÇ, Joan. *Diari d'artista i altres escrits*. Barcelona: Ediciones poncianes, 2009 e M. OMER, *Universo y magia de Joan Ponç*. Barcelona: Polígrafa, 1992, p. 242 e CARVALHO, Alessandra Vargas de. *Presença do poeta João Cabral de Melo Neto na Espanha: Relações literárias e em outros âmbitos da cultura*. Tese de doutorado. Universitat de Barcelona, Barcelona, 2013.



O cavalo de todas as cores. Barcelona: O Livro Inconsútil, 1950. Biblioteca Nacional de Cataluña. <https://www.bnc.cat/digital/arca/titols/algol.html>

Por um lado, *O Cavalo de Todas as Cores* segue a configuração dos demais “livros inconsúteis”: pequena dimensão (22 x 14,5 cm) e folhas soltas formando cadernos a partir das colaborações [...] A diversidade da origem dos autores – Brasil, Portugal e Espanha – abarca um universo ibero-americano, em português, espanhol e até um pouco de catalão. (CARVALHO, 2007, p. 115)

Aparentemente, havia o desejo de João Cabral de difundir a cultura peninsular, em especial a catalã, e a brasileira a partir de antologias fincadas em critérios que entrelaçassem uma atitude crítica à política e que conformassem uma pluralidade vertebrada por determinadas questões (tal como observara em *Algol*).

Crítico porque, se toda crítica pressupõe escolhas e, portanto, critérios de valor, o ato de selecionar determinados textos em detrimento de outros para figurar em uma revista de poesia é um gesto crítico. Para Cabral, ao darem a ver o que é valor para o antologista, os textos

escolhidos dariam a ver o próprio antologista. Nesse sentido, o ato de escolher seria, para ele, tão crítico e tão expressivo da personalidade do criador quanto o ato de criar. (FIUZA, 2019, p. 162)

Infelizmente, esse desejo não seria compartilhado em sua totalidade por Alberto de Serpa, o que desembocaria na não continuidade do projeto. Já a outra publicação só veria a luz quando João Cabral retornasse à Espanha nos anos sessenta: a *Revista de Cultura Brasileña* (1962-1981), publicada pela embaixada brasileira em Madri⁷.

Esta última, que nada tinha de clandestina, estabeleceu-se como um importante veículo no debate cultural entre o ambiente do pós-guerra civil espanhola e o período da ditadura militar brasileira, pois, se por um lado a Espanha seguia amargando uma ditadura feroz, o Brasil, depois de recuperar-se do período Vargas, sofria com um longo regime ditatorial, que se estenderia de 1964 a 1985.

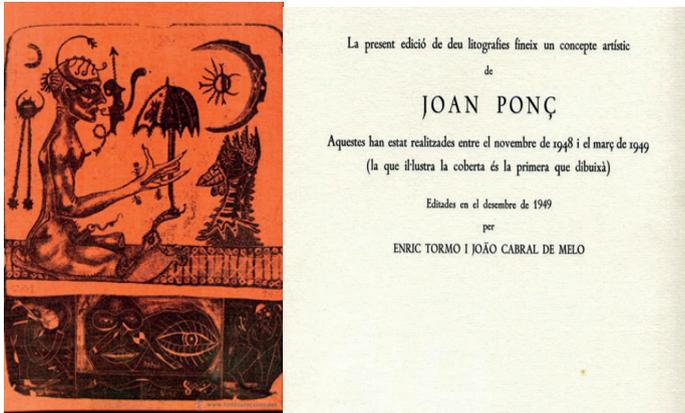
Portanto, esse trânsito significativo entre o universo cultural brasileiro e o peninsular⁸ será fundamental para que pensemos a identificação de *Dau Al Set* com a literatura e a estética brasileiras.

Dita circulação se intensifica com os anos, pois, se entre 1946 e 1948 a colaboração de Cabral se limitara às tertúlias com artistas e escritores

⁷ Em 1961 nomearam João Cabral como primeiro secretário da embaixada brasileira em Madri. Nesse período conhece o poeta Ángel Crespo, que dirigirá a *Revista de Cultura Brasileña* de 1962 a 1970. Já em seu primeiro número, publica um artigo sobre as relações da poesia de Cabral e a espanhola. CRESPO, Ángel & GÓMEZ BEDATE, Pilar: “Realidad y forma en la poesía de João Cabral de Melo”, *Revista de Cultura Brasileña*. Vol. 8. pp. 5-69. Madrid, 1962, pp. 45-46.

⁸ Outra constatação importante sobre o trânsito e a ação de João Cabral de Melo Neto junto ao grupo *Dau Al Set* se encontra em seu esforço de difusão da língua catalã, através de sua poesia e arte, pois, quando buscava, com Serpa, um nome para a revista que editariam juntos, João Cabral lhe sugere que se intitule *Algol*, em uma clara alusão ao periódico de único número publicado por Ponç e companhia. Como indicamos, a revista foi batizada como *O cavalo de todas as cores* e, como *Algol*, teve apenas um único número, em janeiro de 1950. Portanto, podemos arrisgar que a Cabral interessava não apenas as discussões do grupo catalão, mas também o formato de debate proposto em *Algol*. Para mais informações sobre *O cavalo de todas as cores*, ver: FIUZA, Solange. “Cartas inéditas de João Cabral a Alberto de Serpa. O planejamento de *O cavalo de todas as cores*”. *ALEA* | Rio de Janeiro | vol. 21/1 | p. 157-174 | jan-abr. 2019.

catalães, traduções de poetas catalães⁹ e algumas publicações do grupo vanguardista, em 1949, graças à amizade com Rafael Santos Torroella, editor das emblemáticas Revista *Cobalto* e *Cobalto 49*, o poeta brasileiro escreve a apresentação do catálogo *Ponç, Cuixart y Tàpies* para a exposição do Instituto Francés, organizada pelo próprio Santos Torroella. A mostra vai repercutir a obra dos jovens pintores na península. A essa apresentação segue-se a edição do álbum de litografias *Joan Ponç, deu litografies*, por João Cabral.



Joan Ponç. *Deu litografies*. 1948-49. Edição João Cabral de Melo Neto e Enric Tormo. Arquivo da Biblioteca da Fundación Joan Miró.

A edição dessas litografias coincide com o estudo de Ponç sobre gravura no ateliê de Enric Tormo e com a proximidade a Cabral. Tais contatos, pouco a pouco, vão conformando uma rede intelectual em que as amizades configuram sua própria cartografia: graças a Tormo, João Cabral compra sua prensa tipográfica, uma *Minerva*, com ela funda uma “editora” artesanal chamada *O Livro Inconsútil*, na qual imprime obras suas,

⁹ A revista *Ariel*, nº 16, publicou a tradução para o português de três haicais do poeta catalão Carles Riba por João Cabral de Melo Neto. A tradução tem comentários de Joan Traidú, um dos colaboradores do periódico. Nesse mesmo número há um texto sobre Ponç, de Joan Perucho, acompanhado por um desenho inédito do pintor e um poema de Joan Brossa. Ver: *Ariel. Revista de les arts*. Any III. Barcelona, abril de 1948.

de artistas catalães e de escritores brasileiros e peninsulares, ao mesmo tempo em que se acentuam suas afinidades com o grupo de *Dau Al Set*.

Dessas proximidades frutíferas surgem colaborações e contatos: em 1949, se edita por *O Livro Inconsútil* o primeiro livro de Brossa, *Sonets de Caruixa*; em 1951, *Cobalto* publica *Em va fer Joan Brossa* (“Fez-me Joan Brossa”), cujas páginas se abrem com o retrato de Brossa elaborado por Ponç e com um prólogo de João Cabral.

Aliás, a correspondência ativa com Santos Torroella não apenas atesta a acuidade de João Cabral em relação à poesia catalã, mas o impacto que seus escritos, como seu prólogo a *Em va fer Joan Brossa* poderia alcançar:

Yo voy a editar ahora el libro de Brossa – “Joan Brossa Em va fer” – que usted le prologó. Este prólogo suyo es extraordinario, con esa inaudita acuidad de pensamiento a la que me voy a tener que acostumbrar como a una de sus características más permanentes. Puede usted estar seguro – y esto también es un secreto – que si edito el libro es por el prólogo. Y no porque no me gusta esta nueva actitud poética de Brossa – aunque también en secreto debo confesarle que no me inspira una absoluta confianza su autenticidad (en el fondo creo que es eso en gran parte: actitud formal, no humana poéticamente, esteticismo) – sino porque solo mediante un gran esfuerzo por mi parte, dada mi poco halagüena situación económica, puedo lanzarme a nuevas aventuras editoriales. Esta, económicamente, es pequeña, y ya saldré de ella de algún modo; vamos a editar el libro en el papel más ordinario – papel de hacer paquetes – y lo encuadernaremos en cartón como el de las cajas para zapatos. El prólogo de usted irá en catalán, aunque lamento no darlo en castellano o en portugués, idiomas más universales. (SANTOS TORROELLA, 1950, p. 2)

Por conta dos problemas econômicos, tão correntes na Espanha franquista, a edição dos poemas de Brossa será publicada sem maiores luxos:

Por cierto que con respecto a estas últimas puedo anunciarle ya que muy en breve recibirá usted el libro de poesía de Joan Brossa con el

prólogo de usted. Se está acabando de imprimir y el lunes o martes próximo estará listo, incluso de encuadernación. He tirado trescientos ejemplares en papel de estraza y veinte en papel de hilo. Además del prólogo de usted lleva un retrato de Brossa hecho por Ponç. (SANTOS TORROELLA, 1951, p. 1)

Embora a edição de *Em va fer Joan Brossa* não tenha sido luxuosa, ela terá grande repercussão e difusão no meio cultural catalão, bem como o prólogo de João Cabral.

Em meio a essas experiências diversas no circuito catalão-brasileiro, nesse mesmo ano, Ponç conhece Raul Bopp e Murilo Mendes, grandes poetas e amigos próximos de João Cabral¹⁰.

Dessa tríade Cabral-Bopp-Ponç florescem diálogos decisivos e uma admiração mútua, que colocam o Brasil no horizonte dos interesses ponçianos: em 1952, Ponç ilustra a capa da primeira edição peninsular do poema *Cobra Norato*, de Raul Bopp.

A obra recupera a lenda conhecida no norte do Brasil, Amazonas e Pará, na qual se conta a história de uma indígena que se banhava no rio quando uma serpente, a *Cobra-grande*, a surpreende e a engravida. E como esse poema emblemático se configura como um ponto de inflexão na carreira de Raul Bopp e Ponç, vale a pena deter-nos um pouco mais nele: o poeta brasileiro se apropria dessa lenda em sua viagem pelo Amazonas em 1921.

¹⁰ João Cabral também dedicaria um poema a Brossa, “Fábula de Joan Brossa”, inserido no livro *Paisagem com figuras*. O poema recupera a época da aventura *Dau Al Set*, as colaborações de Ponç e Brossa e as pesquisas do poeta catalão sobre a tradição poética catalã e espanhola. “Joan Brossa, poeta buscão, /as sete caras do dado,/as cinco patas do cão/antes buscava, Joan Brossa,/místico da aberração,/buscava encontrar nas feiras/sua poética sem-razão./Mas porém como buscava/onde é o sol mais temporão,/pelo Clot, Hospitalet,/onde as vidas de artesão,/por bairros onde as semanas/sobram da vara do pão/e o horário é mais comprido/que fio de tecelão,/acabou vendo, Joan Brossa,/que os verbos do catalão/tinham coisas por detrás/eram só palavras, não./Agora os olhos, Joan Brossa/(sua troca de instalação),/voltou às coisas espessas/que a gravidez pesa ao chão/e escreveu um Dragãozinho/denso, de copa e fogão,/que combate as mercearias/com ênfase de dragão”. MELO NETO, João Cabral. “Fábula de Joan Brossa”. *Poesias Completas*. Rio de Janeiro: 1986, p.251.

Movido por suas pesquisas e pelo espírito do grupo antropofágico, do qual fazia parte naquele momento, trabalha com a lenda popular e nela mistura distintos gêneros, registros da fala e costumes locais, até chegar a uma obra composta por trinta e três poemas em que visões e sons peculiares do Brasil se impõem.

Bopp viaja por Amazônia em 1921, recolhe farto material antropológico e escreve, alguns anos depois, sua releitura de *Cobra Norato*, reescrevendo-a sobre a ótica antropofágica, devorando a narrativa, a língua e os costumes, transformando e transformando-se continuamente a partir da metáfora da pele elástica presente no poema de abertura que remete ao fato de Norato ter estrangulado a cobra, vestindo a sua pele para então adentrar a floresta na forma de serpente. (FERREIRA, 2015, p. 167)

Certamente, a leitura de *Cobra Norato* deve ter provocado em Ponç um extremo fascínio pelas cores da fauna, flora e sons brasileiros em fábula e verso:

Um dia
eu hei de morar nas terras do Sem-fim

Vou andando caminhando caminhando
Me misturo no ventre do mato mordendo raízes
[...]
Sigo depressa machucando a areia
Erva-picão me arranhou
Caules gordos brincam de afundar na lama
Galinhos fazem *psiu*
Deixa eu passar que vou pra longe

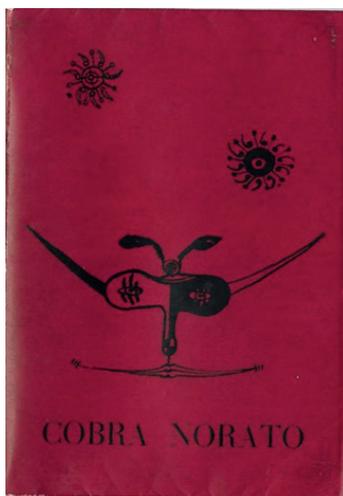
(BOPP, 2013, p. 167-170)

Essa forma elástica e sinestésica é comentada de maneira perspicaz e certa pelo professor Augusto Massi:

Em suma, os poemas se deslocam para dentro e para fora do livro, versos idênticos desembarcam em poemas diferentes, partes transitam livremente dentro do todo.

Esse princípio que estrutura a poética de Bopp pode ser definido como uma forma elástica, cuja pele textual alterna polimorficamente momentos líricos, narrativos e dramáticos. No plano interno, ela harmoniza os elementos através de uma prosificação das células rítmicas, do erotismo visual de suas metáforas e da estrutura dialógica das obras. Os diferentes níveis de articulação exploram um corpus sempre em aberto: verbos e verso no gerúndio. Devido também a essas propriedades formais, o poeta relutou tanto em nos dar uma edição definitiva do poema. (MASSI, 2013, p. 24)

Sem dúvida, Ponç, um esquadrihador do erotismo através da chave surrealista e adepto do poliformismo onírico, exploraria em sua ilustração para a edição de *Cobra Norato* contornos alongados sob um fundo de vermelho intenso, na qual uma dupla de sóis estilizados acompanham o formato dos olhos da figura central da capa¹¹. A publicação correria a cabo da *Dau Al Set* em 1952, com a seleção de Alfonso Pintó¹².



BOPP, Raul. *Cobra Norato*. Barcelona: Dau Al Set. Selección Alfonso Pintó, 1952

- ¹¹ Uma figura extremamente similar à da capa do livro de Bopp apareceria no volume de janeiro-fevereiro da revista *Dau Al Set*, encerrando alguns poemas de Joan Brossa.
- ¹² Alfonso Pintó também publicaria alguns de seus poemas por *Dau Al Set*, em uma edição com ilustração de de Antoni Tàpies: *La paz y otros poemas*. Dau Al Set: Barcelona, 1952.

Não obstante todo esse fascínio, a amizade e convivência com os poetas brasileiros coincide com um período difícil para *Dau Al Set*, no qual as brigas internas se acirravam e anunciavam a ruptura do grupo. Naquele momento, alguns de seus companheiros de aventura (Tàpies e Cuixart, especialmente) se inclinavam pelo *informalismo*, enquanto Ponç seguia firme em suas figurações de traços surrealistas.

Mas se por um lado o grupo se esfacelava, novas possibilidades se abriam para Ponç. Não por acaso, o pintor irá declarar em uma entrevista que

Brasil es una tierra fascinante, el único lugar donde podía superar las destructivas autocríticas que me asaltaron, el único lugar donde mi amor a lo mágico, esencia de mi arte, podía encontrar un ambiente apropiado, que mantendría y amplificaría mi capacidad de penetración en los momentos más oscuros. (PONÇ, 2009, p. 186)

Uma dessas encruzilhadas decisivas se encontra em 1950, pois no final deste mesmo ano, quando João Cabral recebe o convite, de Londres (onde estava por ocasião de sua transferência para aquele consulado), para publicar seu texto sobre Miró em uma edição de luxo pela editora Maeght.

Ao examinar sua correspondência com Santos Torroella e Enric Tormo, rastreamos a opção de Cabral por Ponç como seu ilustrador. A escolha não seria fácil, posto que João Cabral se mostrava reticente em relação a Tàpies e Cuixart; ao mesmo tempo em que se via em uma situação delicada, frente à oferta de Santos Torroella de seus próprios desenhos:

Estoy preocupado con el problema de las ilustraciones. Creo que tienes razón en lo de García Vilella. Otros pintores entre los amigos comunes - Tàpies, Cuixart, etc. -, están demasiado ocupados con su “carrera” para que podamos esperar mucho de ellos. Y si llegáramos a conseguir que nos las hicieran si, como sería muy posible, se nos crearía un nuevo problema: el de cómo decirles que no servían. En fin, como yo no represento compromiso alguno, porque no soy pintor, me he decidido a hacer algunos ensayos de ilustraciones posibles. Aquí te adjunto las dos primeras que he hecho. Tal vez sean demasiado realis-

tas. Quisiera evitarlo porque [en] ese tipo de ilustración siempre hay el peligro de que creen una dualidad entre la obra del poeta y en del dibujante. Si tú lo ves así en estas dos, dímelo sinceramente sin preocupaciones pues no ha de saberme mal. (SANTOS TORROELLA, 1954, p. 1)

Embora o projeto não tenha vingado, é certo que o pintor catalão, que mantinha um contato estreito com a obra do pernambucano, que já lhe apresentara algumas de suas produções (como o *Cão sem plumas*), se sentirá estimulado pela eleição cabralina, o que se pode atestar pela correspondência entre Tormo e Cabral, entre janeiro e novembro de 1950:

12/1/1950

Amigo Cabral,

Hace unos días recibí su carta, pero no le contesté porque consulté a Ponç sobre su oferta, está entusiasmadísimo con poder realizar esa edición.

15/nov/1950

[...] Ponç está realmente impaciente para empezar ya que serán los primeros aguafuertes *de verdad* que habrá realizado. (TORMO, 1950, p. 1)

A partir dessas colaborações e diálogos com poetas brasileiros, Ponç instaura leituras diversas e igualmente inspiradoras do Brasil: de um lado, as cores e sinestésias tão imagéticas de *Cobra Norato*, do outro, a assimilação da natureza viscosa de *O cão sem plumas*, pintada discretamente com pontos de compromisso social:

Aquele rio
era como um cão sem plumas.
Nada sabia da chuva azul,
da fonte cor-de-rosa,
da água do copo de água,
da água de cântaro,
dos peixes de água,

da brisa na água.
Sabia dos caranguejos
de lodo e ferrugem

(MELO NETO, 1986, p. 305)

Certamente, a natureza pegajosa de *O cão sem plumas* tatuaria definitivamente o Brasil no futuro ponciano, visto que, depois de se casar com Roser Ferrer, em junho de 1953, o casal viajaria a Paris em lua de mel.

Ali, envoltos em um ambiente de intensos contatos artísticos, conhecem o crítico brasileiro Mario Pedrosa que, naquele momento, estava conectado à Bienal de São Paulo. Pedrosa, ao inteirar-se dos planos de Ponç de ida ao Brasil, envia uma carta a Arturo Profili, o secretário da Bienal de São Paulo, datada de julho de 1953, pedindo-lhe que inscreva Ponç na II Bienal de forma extemporânea. Na carta, assinala a importância do que já vínhamos falando, o circuito de amizades do pintor catalão:

“Profili, se trata de um jovem pintor espanhol que acaba de chegar a Paris. Por isso, vai com a inscrição formalmente atrasada. É amigo do Miró, do Raul Bopp e do Murilo Mendes. Abraços, Mario Pedrosa. 13/7/53” (PEDROSA, 1953, p. 1)

Ao voltar para a Espanha, Ponç acode ao ateliê de Miró, para comentar-lhe sua decisão de partir rumo ao Brasil e para aconselhar-se. A essa boa nova, Miró lhe responde com humor que se fosse um pouco mais jovem, certamente o Brasil também seria seu destino ideal. Depois da conversa, em novembro do mesmo ano, Joan Ponç partiria rumo ao Brasil.

Ao chegar ao Brasil, quando indagam pelas razões que o levaram ao país, ele responde:

¿Cómo surgió la idea de venir a Brasil? - nos contesta: No lo sé muy bien. Conocí en Barcelona a João Cabral de Melo y a Raul Bopp, dos grandes figuras brasileñas que me mostraron sus puntos de vista críticos y estéticos. Y creemos que le gusta – [me] hicieron conocer mucho de este magnífico país. (MAURÍCIO, 1954, p. 9)

Assim, podemos terminar este texto certos de que o contato com os poetas brasileiros levou Ponç a outras paragens: o Brasil. Rumo ao outro lado do Atlântico, em 1953, o pintor catalão carregou consigo a experiência vanguardista catalã compartilhada com seu grupo *Dau Al Set* e o convívio frutífero com João Cabral, Raul Bopp e Murilo Mendes, configurando, mais tarde, um período de dez anos em solo nacional, em que palavra e imagem continuaram a imbricar-se por meio de distintas visões e culturas.

AMISTADES ILUSTRADAS: JOÃO CABRAL DE MELO NETO Y EL GRUPO *DAU AL SET*

RESUMEN

Este artículo pretende discutir las redes de sociabilidad entre el poeta brasileño João Cabral de Melo Neto y el grupo catalán de vanguardia, *Dau Al Set*. A partir de sus relaciones de amistad, recurriremos los circuitos de creación de ambos lados, los cuales han contribuido de manera decisiva para la formación política y estética del grupo de jóvenes artistas y para la configuración del poeta pernambucano como una figura decisiva en la escena sociocultural española de los años 1950.

PALABRAS CLAVE: João Cabral de Melo Neto, Joan Ponç, redes intelectuales Brasil-España.

ILLUSTRATED FRIENDSHIPS: JOÃO CABRAL DE MELO NETO AND THE *DAU AL SET* GROUP

ABSTRACT

This article intends to discuss the sociability networks between the Brazilian poet João Cabral de Melo Neto and the Catalan avant-garde group, *Dau Al Set*. Based on their friendship relations, we will use the creation circuits of both sides, which have contributed decisively to the political and aesthetic formation of the group of young artists and to the configuration of the poet from Pernambuco as a decisive figure in the sociocultural scene of Spain in the 50s

KEY WORDS: João Cabral de Melo Neto, Joan Ponç, Brazil-Spain intellectual networks.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Bebeto *et al.* Conversas com João Cabral de Melo Neto. *Sibila. Revista de poesia e cultura*, v. 9, n. 13, ago. 2009.
- BOPP, Raul. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- BROSSA, Joan. *Em va fer em Poesia rasa, I (1950-1955)*. Barcelona: Edicions 62, 1990.
- CARVALHO, Alessandra Vargas de. *Presença do poeta João Cabral de Melo Neto na Espanha: Relações literárias e em outros âmbitos da cultura*. Tese de doutorado. Universitat de Barcelona. Barcelona, 2013.
- CARVALHO, Ricardo Souza de. O cavalo de todas as cores: uma revista editada por João Cabral de Melo Neto. *Revista USP*, São Paulo, n. 73, p. 113-116, maio 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13592>>. Acesso em: 1 mar. 2023.
- CRESPO, Ángel; GÓMEZ BEDATE, Pilar: Realidad y forma en la poesía de João Cabral de Melo, *Revista de Cultura Brasileña*, Madrid, v. 8, p. 5-69, 1962.
- FERREIRA, Eliana M^a Azevedo Roda Pessoa. *O antropófago Raul Bopp. Escolhas estilísticas em 'Cobra Norato' e 'Urucungo'*, 2015, p. 167.
- FERREIRA, Eliana Maria Azevedo Roda Pessoa. *O antropófago Raul Bopp: escolhas estilísticas em Cobra Norato e Urucungo*. 2015. 231 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- FIUZA, Solange. “Cartas inéditas de João Cabral a Alberto de Serpa. O planejamento de *O cavalo de todas as cores*”. *ALEA | Rio de Janeiro*. Vol. 21/1, jan-abr. 2019, pp. 157-174.
- GONZÁLEZ GARCÍA, AINIZE “Nota sobre la revista *Algo!*”. *Els Marges* 90, Hivern 2010, Barcelona, p. 68-79.
- MASSI, Augusto. “A forma elástica de Bopp”. *Poesia completa de Raul Bopp*. Organização de notas de Augusto Massi. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013, pp.15-39.
- MASSOT, Josep. La Plaza Mágica de Dau Al Set. *La Vanguardia*, Barcelona, p. 57, 6 de marzo de 2011. Disponível em: <<https://www.pressreader.com/spain/la-vanguardia/20110306/284537289632310>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

MAURÍCIO, Jayme. “Um discípulo de Juan Miró em São Paulo”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 9, 16 de julho de 1954.

MELO NETO, João Cabral de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

OMER, Moderchai. *Universo y magia de Joan Ponç*. Barcelona: Polígrafa, 1992, p. 242.

PEDROSA, Mario. *Carta de Mario Pedrosa a Arturo Profli*, 1953. São Paulo: Fundação Bienal.

PINILLA DE LAS HERAS, Esteban. *En menos de la libertad*. Barcelona: Anthropos, 1989.

PONÇ, Joan. *Diari d'artista i altres escrits*. Barcelona: Edicions Poncianes, 2009.

PUIG, Arnau. “Dados de un problema”, *Dau Al Set*. Barcelona, nov. 1948, p. 18.

SANTOS TORROELLA, Rafael. Cartas de João Cabral de Melo Neto para Rafael Santos Torroella. Arquivo João Cabral de Melo Neto. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, março de 1954.

SANTOS TORROELLA, Rafael. Cartas de Rafael Santos Torroella para João Cabral de Melo Neto, 1950. Arquivo João Cabral de Melo Neto. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa.

SOUSA, Carlos Mendes de. Cartas de João Cabral de Melo Neto para Clarice Lispector. *Revista Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 157/158, p. 283-300, jul. 2000.

SÜSSEKIND, Flora (Org.). *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

TORMO, Enric. Cartas de Enric Tormo para João Cabral de Melo Neto. Arquivo João Cabral de Melo Neto. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, novembro de 1950.

TORMO, Enric. Cartas de Enric Tormo para João Cabral de Melo Neto. Arquivo João Cabral de Melo Neto. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, janeiro de 1950.

Submetido em 14 de março de 2023

Aceito em 13 de abril de 2023

Publicado em 28 de maio de 2023
